



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Gênero e sexualidade em debates: dissidências e resistências

Gender and sexuality in debates: dissidences and resistances

André Luis Santos de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5293-816X>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: andreconatus@gmail.com

Aldair Oliveira de Andrade

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5205-9766>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: aldairandrade@yahoo.com.br

Roberta Ferreira Coelho de Andrade

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6535-0760>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: roberta_ufam@yahoo.com.br

Ilza do Socorro Galvão Cutrim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2091-4814>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: ilza.galvao@ufma.br

Conceição de Maria Belfort de Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6234-527X>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: conceicao.belfort@ufma.br

Wagner dos Reis Marques Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0793-0043>

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

E-mail: marquesreis@hotmail.com

Antonio Marcos de Oliveira Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9334-0394>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: antonio.siqueira@ufv.br

Article Info:

Article history: Received 2020-11-01

Accepted 2020-11-30

Available online 2020-11-30

doi: 10.18540/revesv13iss4pp15210-01x



Neste número, a Revista de Relações Sociais – REVES propõe contribuir para o debate em torno a temática “gênero e sexualidade em debates: dissidências e resistências” para ampliar a compreensão sobre os diversos universos sociais que são atravessados pelas relações de gênero.

O debate acerca dos conceitos de “gênero” e de “sexualidade” têm sido frequentemente acionados na produção acadêmica e no cotidiano das pessoas nos últimos 20 anos. A noção consensual atribuída ao “gênero” parte da ideia de que se refere à uma construção social em torno do “sexo” biológico da pessoa. Tal noção foi fomentada pelas teorias feministas clássicas, em especial pelo livro “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir. Logo, as teorias feministas do final do século XIX e XX, na Europa, Estados Unidos e Brasil, somado as transformações sociais no contexto político, econômico e cultural, foram significativos para o crescimento do debate em torno da temática “Gênero e Sexualidade”.

Segundo Michael Foucault (2011) a partir do século XIX passa a consolidar um tipo de dispositivo desenvolvido em torno das condutas interpessoais. Para ele, o “dispositivo da sexualidade” surge e passa a ser operado através dos discursos, como forma de controle das condutas sexuais e dos papéis sociais exercidos com base no órgão sexual da pessoa. Dessa maneira, a “sexualidade” vista como um “dispositivo” seria capaz de mostrar que o “sexo” passa a estar no “discurso”, fala-se para regular, no passado por meio das confissões, e muito depois, na contemporaneidade, por meio de outros mecanismos discursivos. Um exemplo disso, aponta esse autor, é o discurso de autoridade que surge da medicina cunhando um saber hegemônico sobre a sexualidade, racionalizando-a e recondicionando-a dentro de modelos padrão voltado a subjetivação dos corpos saudáveis e heteronormativos. Sendo assim, o “dispositivo da sexualidade” diz respeito à uma complexa relação de poder criado por meio de discursos, instituições, arquitetura, leis, decretos, normas e morais.

Para Foucault o “dispositivo da sexualidade” está ancorado à um corpo prototípico saudável, heteronormativo, patriarcal e branco. Nesses termos se direciona o sentido atribuído para a prática da “boa sexualidade” em torno dos órgãos sexuais nos moldes do “masculino” e do “feminino”. Logo, o dispositivo é acionado para classificar e gerir as relações sociais, as condutas individuais e os desejos sexuais.

Nessa linha de pensamento, o corpo para Judith Butler (2019) é o próprio efeito do discurso, ou seja, os sujeitos são efeitos dos discursos. Esta autora esmiúça essa ideia aplicando a compreensão através do exemplo acerca do uso da própria materialidade do corpo à performance do gênero. Na percepção dela a materialidade do sexo se constrói através da repetição ritualizada das normas impostas e constantemente negociadas durante as interações. Para Butler os corpos existem de modo relacional. O corpo só existe ao olhar do outro e da relação estabelecida discursivamente entre eles.

Outra autora importante que trata desse assunto é Gayle Rubin. Ela amplia o debate iniciado por Michael Foucault e Judith Butler. Ela recoloca o gênero e a sexualidade dentro de outras pautas feministas, por exemplo, para além da relação entre gênero e classe. Rubin (2012) passa a afirmar então que o “sexo é vetor de opressão” e que atravessa outros modos de desigualdades sociais – sucesso financeiro, cor branca, gênero masculino e privilégio étnico que podem mitigar os efeitos da estratificação sexual. A autora afirma, por exemplo, que “um homem pervertido que seja rico branco geralmente será menos afetado do que uma mulher pervertida que seja pobre e negra” (p.28, 2012). É possível verificar disputas e lutas políticas em torno do “sexo” registradas ao longo da história. Tais disputas evidenciam

o “combate sobre a natureza e limites das zonas sexuais” (idem. p.30), que permeiam as relações sociais e incidem diretamente nas políticas pública governamentais.

Por fim, este volume resgata e avança com o debate sobre “gênero e sexualidade: dissidências e resistências”. Busca a partir de retratos sociais da realidade compreender na prática cotidiana das pessoas como as relações de gênero se consolidam e quais desigualdades produzem. Ampliando o debate acerca das dissidências e resistências que permeiam a temática: considera-se as lutas em torno do reconhecimento de direitos básicos das mulheres, as lutas por igualdades de salários e cuidados com a prole; as lutas advindas dos movimentos feministas negros e indígenas; ainda, a inclusão de pautas à luta por direitos advindas da população LGBTQIA+ em todo o mundo europeu e aqui no Brasil. O debate segue então ampliado pelo prisma da interseccionalidade das “questões de gênero” com as categorias “raça”, “cor”, “etnia”, “classe” e “sexualidade”.

Referências

BUTLER, Judith. “Introdução”. In: *Corpos que Importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2019, p. 15-53.

FOUCAULT, Michel. “A hipótese repressiva”, “O dispositivo da sexualidade” e “Direito de morte e poder sobre a vida”. In: *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 2011, p. 21-58, 85-144 e 145-174.

RUBIN, Gayle. “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”. *Cadernos Pagu*, n. 21, 2012. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?seq